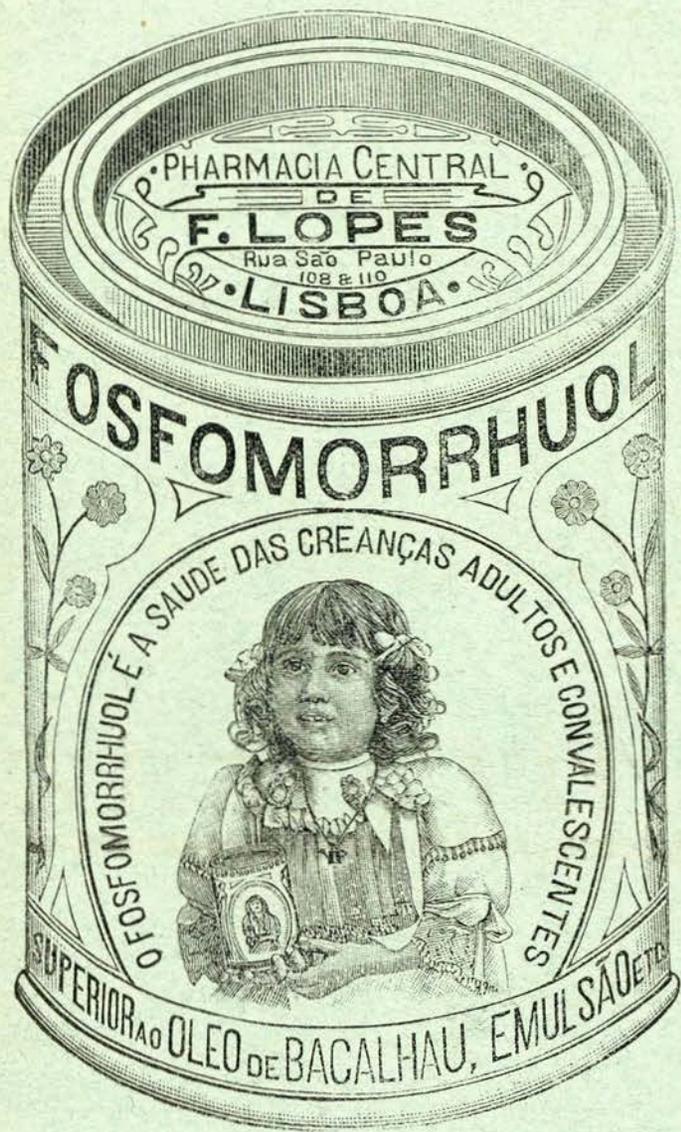




A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



LAMBERTINI

Representante dos Editores
Francezes

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras de Operas

Antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas

para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM .. {
Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghmakere
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

—* Modelos exclusivos *

Enviam-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto**, etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Peçam-se os catalogos

PRAÇA DOS RESTAURADORES



Revista publicada quinzenalmente

Proprietario e director

Michel'angelo Lambertini

Redacção e administração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Santa Cecilia — Pelo estrangeiro — Variedades — S. Carlos — Noticiario — Necrologia.

Santa Cecilia

Já em outros annos e n'esta mesma data se rememorou na *Arte Musical* a poetica lenda da padroeira dos musicos (1).

Não está comtudo assente que a filha dos *Cæcilii* fosse, ella propria, tocadora de qualquer instrumento, como todos ou quasi todos os pintores a teem representado. O texto latino que descreve a lenda é por demasia vago para que possamos tirar illações positivas n'esse particular. A proposito do seu casamento com o idolatra Valeriano, diz o texto:

*Cantatibus organis
Cæcilia Domino ac cantabat.*

Cantava Cecilia ao som dos instrumentos as glorias do Senhor. O que nem significa que se acompanhasse a si propria no orgão, na harpa ou na cithara, nem

prova que, em tal conjunctura festiva, estivesse a sua musica de todo isenta de qualquer pensamento profano.

Mas, a não ser o veneravel Cimabué, antepassado florentino da pintura quatrocentista, que nos deixou uma *Santa Cecilia* hieratica e bysantina, tendo em attitude simples e austera um missal nas mãos, quasi todos os artistas que se comprouveram em figurar na tela a doce esposa de Valeriano, a quizeram fazer passar por instrumentista sublime e inspirada.

Se começarmos em Raphael, o mais illustre dos pintores italianos, vemos-la empunhando um orgão portatil. Em torno d'ella agrupam-se alguns santos, um prelado apoiado ao baculo, um bello velho pontifical que se encosta á espada da egreja militante. Por terra um pan-



SANTA CECILIA

deiro, um triangulo, violas antigas (1). Se passarmos de Roma para Bolonha, ve-

(1) A festa de Santa Cecilia cae a 22 d'este mez e era antigamente solemnisada entre nós com muita pompa

(1) Numero 190 da *Arte Musical* (anno de 1906).

mos o Dominichino, com esse formosissimo grupo, que hoje reproduzimos e que é, sem duvida, uma das perolas da exposição italiana no Louvre. Aqui vê-se, em ingenuo anachronismo, a nossa santa padroeira a dedilhar uma viola baixa! A santa, cujo modelo sem duvida foi alguma robusta camponesa de Bolonha ou de Napoles, tem na sua frente um anjo nu, que lhe serve de estante, segurando acima da cabeça a partitura sagrada.

O Guercino deu-nos, na sua *Santa Cecilia*, uma bella dama, ricamente trajada, a tocar órgão. Carlo Dolce, italiano da decadencia, tambem compoz uma *Santa Cecilia* organista.

Na escola flamenga tambem ha encantadoras imagens pinturas da nossa santa. As de Martin de Vos e Adrien Collaert são rodeadas de instrumentos musicos, como que symbolizando o sentimento artistico que a lenda lhe tem querido attribuir. Mas tanto n'essas duas lindas telas, como no *cobre* de Gerard de Seghers, que já aqui veiu reproduzido (1), é por excepção uma *cantora* a figura principal do quadro.

Outro tanto se não pôde dizer de Teniers e de Rubens, os dois grandes luminares d'esta escola. O primeiro mostra nos uma *Santa Cecilia* sobraçando um órgão de mão. O segundo, reproduzindo os traços da sua segunda mulher, Helena Fourment, apresenta-nos a santa a tocar um cravo (!) sustentado por anjos.

Em França foi Mignard o primeiro a interpretar a lenda, n'aquelle estylo galante e subtil que lhe era peculiar e que deu até origem a uma palavra nova — a *mignarise*. Aqui, temos a gloriosa protagonista da lenda a tocar harpa (2) e é tambem um anjo, puro e formoso como um anjo citharêdo de Fra Angelico ou de Bellini, quem lhe está segurando a musica.

Nicolau Poussin tambem tratou do assumpto, mas não poz em scena nem a instrumentista nem a cantora. Visou directamente a martyr, no momento em que ella, victima da sua propria piedade, exhala o suspiro derradeiro nos braços das suas servas.

Muitos artistas contemporaneos se teem proposto pintar a imagem da bemaaventurada Cecilia — e teem-no feito com maior ou menor fortuna. Mas, em bôa verdade, não é com a nervosidade, que caracteriza o seculo xx que podemos comprehender o mysticismo da gloriosa martyr, que os musicos escolheram para sua protectora. Só a candura d'um Fra

Angelico da Fiesole, d'um Hans Memling ou d'um Roger van der Heyden, é que podiam dar ao pincel aquella sinceridade d'expressão, que engendrou, pela crença, um tão grande numero d'obras primas do passado.



Pelo Estrangeiro

Do nosso querido director recebemos mais esta interessantissima carta que os nossos leitores decerto muito apreciarão.

Meu querido amigo

No mal engendrado relato d'esta minha digressão artistica, cabe uma parte importante ao museu instrumental do *South Kensington*, a que consagrei umas duas ou tres visitas bastante longas.

Descrever-lhe as maravilhas do *South Kensington Museum* seria tarefa muito superior ás minhas forças e sahiria por completo do quadro forçadamente restricto d'esta correspondencia. Tudo o que o ingenho humano tem podido crear de grandioso em bellas artes, em artes decorativas, em machinas, em productos textis, em faianças e majolicas, em crystaes, em esmaltes, em metaes, em gemmas preciosas, em bordados e rendas — tudo ali está representado com generosa largueza e com infinito apuro de escolha. Um numero incalculavel de objectos dos que ali figuram são emprestados por colleccionadores particulares; na etiqueta de todos os outros se menciona o preço por que foram adquiridos, valiosa indicação para muitos visitantes.

A secção instrumental, sem ter a exhuberancia do museu de Bruxellas, é riquissima e summamente interessante, occupando uma sala e parte de outras duas. Algumas das peças estavam emprestadas aos museus de Glasgow e Portsmouth, mas as faltas não eram tantas que desadornassem o conjunto da exposição, nem incidiam, creio eu, sobre as peças primarias do museu.

Vi maravilhosos instrumentos de teclado dos seculos XVI e XVII: — uma espineta de Anibale dei Rossi (1577) adornada com cerca de 2000 pedras decorativas e preciosas, outra de 1568 com a assignatura de *Marci Jadræ*, outra de G. Fr. Antegnati, de Brescia, com a data de 1537, outra de Giovanni Celestini (1593) — uma *virginal* feita em Murano no fim do seculo XVI para a rainha Isabel da Bohemia e toda decorada com vidros de Veneza, outra assignada por John Loosmore (1655), outra em carvalho esculpido, trabalho flamengo do seculo XVI, outra com applica-

(1) Pertence ao director d'esta revista e foi publicada a reproducção no numero 106 (anno de 1905).

(2) A gravura anonyma reproduzida no numero 142 (anno de 1904) apresenta a egualmente como harpista.

ções em prata, talvez da mesma época, — um precioso *cravo* de 1521, fabricado por Gérolamo di Bologna, outro veneziano de 1574, o de Haendel, com dois teclados, com a assinatura do celebre André Ruckers, outro de Pascal Taskin, de Paris, ainda outro de Ruckers, com lindas pinturas, e não sei quantos mais.

Dos instrumentos d'arco também ali ha exemplares de alto valor.

Não me passa pela cabeça citar-lhe os mais bellos, porque mesmo isso levaria paginas, mas uma *Viola de Gamba* de Martin Voigt (1726) lindamente marchetada em madreperola, uma outra de Duifloppuggar, ricamente decorada, as duas *Viole di Bordon*e e uma pequena *Gamba* emprestada por Donaldson, são peças por tal modo preciosas que me prenderam a atenção para nunca mais as olvidar.

Não lhe falarei dos instrumentos a que se prende uma lembrança historica, nem d'aquelles que marcam uma data interessante no dominio do fabrico instrumental, como seria por exemplo a Harpa dupla fabricada na Italia no seculo XVI; também lhe não falarei dos instrumentos exóticos e populares, que só por si constituem um museu.

Mas não posso deixar de referir-me ao que encontrei no *South Kensington* que por algum modo se pudesse relacionar com a nossa musica portugueza. E' opinião minha, de ha muito tempo assente, que a nossa guitarra portugueza nem foi imaginada em Portugal nem provém directamente de qualquer instrumento arabe, como teem affirmado os nossos mais distinctos musicographos. Já defendi algures a minha ideia, sem ter comtudo a pretensão de con-

vencer ninguem; baseando me comtudo, entre outros dados, na affirmação de Silva Leite, no seu methodo, que as melhores guitarras eram no seculo XVIII as fabricadas por Simpson, de Londres, supuz ver no nosso instrumento nacional uma transformação do *cistro*, instrumento medieval muito usado no norte da Europa.

O estudo agora feito no *South Kensington*, vem corroborar a minha presumpção.

Em uma das *vitrides* que contém bandolins, panduras e instrumentos similares, figuram sob o nome de *cither*, diversos instrumentos analogos á nossa guitarra.

No catalogo, aliás incompletissimo, de Carl Engel, vem mencionada uma d'ellas sob a designação seguinte: — *CITHARA. A cither with six pairs of strings. Inlaid with mother-of-pearl, tortoise-shell and*

ivory. Provided with a Copo-tasto of ivory. Portuguese, Made by João Vieira da Silva, at Lisbon, about 1700.

E' uma guitarra portugueza, sem tirar nem pôr, a que o fabricante, seguindo um costume muito nosso quando se trata d'instrumentos d'exposição, deu uma forma original, embellezando-a ao mesmo

tempo com marchetes de madre-perola, tartaruga e marfim.

Da mesma época e na mesma *vitride* existe outra *cither*, esta feita em Inglaterra, com o cravelhame de chave, como por muito tempo se usou entre nós, e tendo, unica differença da nossa guitarra, os dois ultimos bordões simples.

Duas outras *cithers*, de idade mais provecta e ambas de procedencia ingleza, possuem igualmente as características da guitarra portugueza, sem terem comtudo o cravelhame moderno.

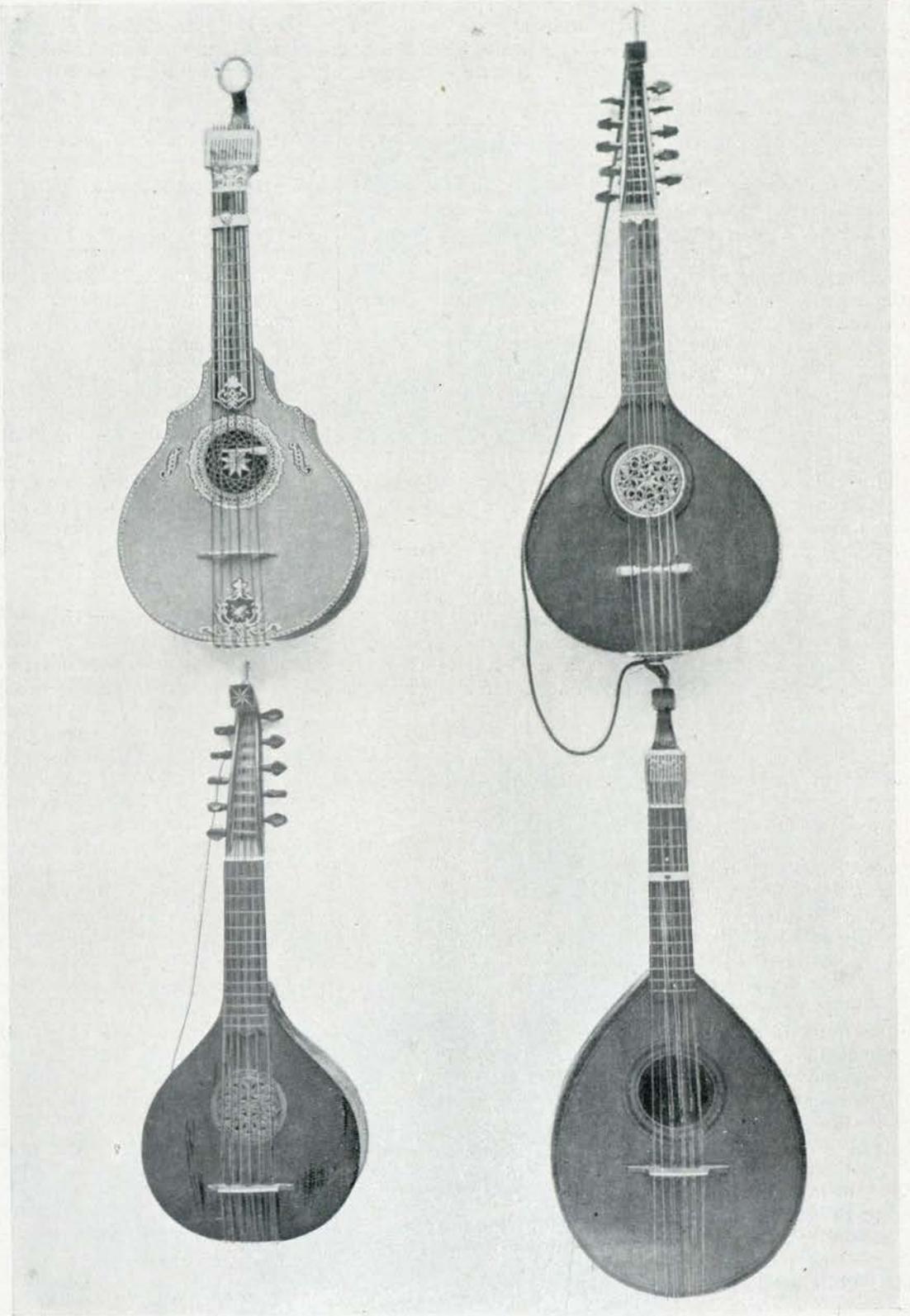
Fiz tirar photographia d'esses quatro



HENRY WOOD



EUGENE YSAÿE



CITHERS DO MUSEU DE LONDRES

especimens, para mais facilmente se poder estabelecer uma comparação, e desejo acrescentar ainda, a titulo de curiosidade, que o typo definitivo do instrumento ainda se fabrica largamente em Londres (posso catalogos), mas agora já sob o nome, não de *cithers*, mas de *portuguese guitarras* (sic).

Pois apesar da desinteressada nomenclatura dos violeiros londrinos, ha de custar a tirar-me da cabeça que a guitarra é um instrumento genuinamente inglez, gradualmente modificado do *cistro* (ou *cither*, se quizerem), pelo encurtamento do braço e pelas successivas transformações do cravelhame.

Basta-me averiguar, e não é facil, por que motivo, sendo a guitarra o instrumento popular de mais recursos que existe, se cantonou em Portugal e está tão pouco difundida no seu paiz d'origem. Teremos d'attribuir ainda o caso á tão desacreditada orientação musical do povo inglez, que lhe prefere o banjo e a concertina?

Deixemos ahí o ponto d'interrogação, para outra occasião de mais vagar, e vejamos o que lhe posso dizer de concertos.

O Mischa Elman deu aqui um unico *recital*, e lá o fui ouvir de novo. Afora a *Sonata* de Haendel, tocou principalmente obras de virtuosidade, como o *Concerto* de Spohr, o *Fausto* de Wieniawski, um *Estudo* de Paganini, etc. O publico aqui adora este genero de peças e fez uma grande ovação ao artista. Por minha parte, mantenho ainda a minha primeira impressão; a virtuosidade de Mischa Elman está ainda um pouco verde, prima sobretudo pela expressão e pela qualidade do som.

No tocante ao estylo, falha ás vezes desastrosamente, como na *Aria* de Bach, que lhe ouvi e que me fez lembrar, com desvantagem para o moço artista, todos os bons violinistas que conheço.

Ouvi tambem Henry Wood e a sua orchestra, que me deixaram encantados. Abalançam-se ás grandes difficuldades symphonicas, e saém-se quasi sempre a primôr, apesar da sensível fraqueza dos metaes e da demasiado ruidosa intervenção dos timbales. Já na minha anterior carta me referi a este *tic* especial das orchestras inglezas, que me irrita um tanto os nervos. Não quero attribuir toda a culpa aos timbaleiros, pois ouvi

uns poucos e sem preeesse disequilibrio de sonoridade me feriu e incommodou; o facto é que tocam em instrumentos enormes, cuja extrema vibração e resonancia póde ter optima applicação na symphonia, quando as massas instrumentaes são muito numerosas e sonoras, mas que, com metaes de sonoridade frouxa como os d'aqui, se tornam ás vezes intempestivamente bulhentos.

A orchestra de Wood vòu largo, como já disse. De Wagner ouvi lhe o preludio do *Parsifal* e a galopada das *Walkirias*, que francamente me pareceu uma *trotada* a que o chouto por vezes não foi estranho. Mas tambem, não posso pôr-lhe outra nota negra em todo o programma: o *Don Juan* de



ROYAL ALBERT HALL.

Strauss e a fantasia symphonica da *Franческа da Rimini* de Tschaikowski foram estudadas com verdadeiro amor e traduzidas magistralmente em todos os seus complicados pormenores. E' em toda a parte uma optima orchestra a que póde executar, por essa fórma, tão transcendentos trabalhos symphonicos.

Desejo tambem falar-lhe d'um quarteto inglez, que tive occasião d'ouvir na Sala Erard, em 2 d'este mez. Foi um dos concertos d'assignatura do *Strings Club*, que tem por primeiro violino Alfred Gibson, segundo H. Wynn Reeves, viola Alfred Hobday e violoncello W. E. Whitehouse, sendo este ultimo o mesmo de que lhe falei, creio eu, na carta anterior — isto é, um quarteto genuinamente inglez, em todas as suas partes componentes.

Infelizmente não lhe posso dar optimas informações d'elle. Com um primeiro violino tão machinal, tão incerto d'affinação e tão pouco *charmeur* na sonoridade como o

sr. Gibson, nunca podiam fazer optimo effeito os quartetos de Mendelssohn e Beethoven, que nos foi dado ouvir n'essa noute. Muito bom em compensação o segundo vio-



NELLIE MELBA

lino; optimo sobretudo o pianista Ernest Walker, que se produziu no *Trio* (op. 8) de Brahms, e que se me affigurou possuir todos os requisitos d'um primoroso tocador de musica de camara.

Vem aqui periodicamente dar concertos o nosso amigo Ysaye e, como era natural, não faltei a ouvir-o. Tocou a *Sonata* de Geminiani e, com um segundo violino, a de Haendel, que vae ser tocada esta epoca pela nossa *Sociedade de Musica de Camara*. Como novidade tive o *Quarto Concerto* de Vieuxtemps, não por elle que o conheço ha muito, mas pelo arranjo do acompanhamento — grande orgão, piano e harpa! E além d'isso, varias pequenas peças, entre as quaes, divinamente dita, a *Romance en sol* de Beethoven. Não preciso dizer lhe cousa alguma sobre Ysaye e sobre o modo como elle interpretou esse programma. Os inglezes são doidos por elle; depois d'uma frenetica ovação que lhe fizeram no fim do concerto, era curioso ver o corpulento artista, no *foyer*, com a ganfurina ensopada em suor, e rodeado por 30 ou 40 *misses* que lhe estendiam albuns e programmas, para assignar! Uma verdadeira furia autographica!

Na mesma occasião dava a Patti um concerto de beneficencia no *Royal Albert Hall* mas como a Providencia, sob o ponto de

vista da ubiquidade, se esqueceu por completo da minha humilde pessoa, dispensei-me de ouvir mais uma vez a preciosa e estafada reliquia do *bel-canto*, não desesperando contudo de a apreciar mais tarde. Porque ella não pára mais...

Apezar de ser para mim muito interessante ouvir as notabilidades, que aqui acodem diariamente, não tenho perdido as occasiões de julgar dos artistas de cá, sobretudo d'aquelles que aqui são tidos em melhor conta. Está n'esse caso Mrs. Herbert Hutchinson, que em 6 d'este mez deu no *Bechstein Hall* um interessante *recital* de canto. O seu programma era opulento, contendo entre obras de Brahms, Grieg, Max Bruch, Elgar, certas composições de Bishop e Purcell, velhos musicos inglezes, cuja litteratura me estimulava a curiosidade e me deu interessante assumpto de estudo.

Foi principalmente n'essas obras, por assim dizer historicas, que mais sinceramente applaudi Mrs. Hutchinson, cuja voz aflautada, conventual, e de incerta afinação nos agudos, me produziu ás vezes umas incommodas crispações nervosas...

Depois, a promotora do *recital* teve a infeliz lembrança de recorrer á collaboração de certa *madame* Beatrice Langley, pseudo-



JÓSKA SZIGETI

violinista, que, com todo o respeito devido ao lindo sexo, que tão lindamente representado é em Londres, melhor faria se se lembrasse de ir vender phosphoros.

Julgo que ainda lhe não falei no *Albert Hall*, vasta rotunda no estylo da Renascença Italiana, onde se dão concertos e se fazem exposições, reuniões scientificas, etc. E' o maior e mais bello salão de concertos que tenho visto. O exterior, adornado de tijolos de côr e de terras cottas, é imponente; do melhor gosto o friso de terra cotta que o rodeia e que representa os differentes povos do mundo. O vasto amphitheatro interior, onde se accomodam 8:000 pessoas, e, como



WILHELM BACKHAUS

eu o vi, com 8:000 pessoas dentro, é verdadeiramente majestoso. O orgão assignado por Willis, é, segundo julgo, um dos maiores do mundo: o vento é fornecido por duas machinas a vapor, os tubos attingem o numero quasi fabuloso de 9:000.

Foi n'essa sala, que posso considerar esplendida, sem exagero, que assisti a um dos mais bellos concertos de que tenho memoria. Basta que lhe cite o nome dos artistas que tomaram parte n'elle, para que possa ajuizar de como terá sido brilhante essa festa: — a Melba, o violinista Szigeti, o pianista Backhaus, o tenor Mc-Cormack, o barytono Ranalow e a *London Symphony Orchestra*, sob a direcção de Landon Ronald, tudo optimos artistas e alguns d'elles de fama europeia.

A Melba, que dava em Londres este unico concerto antes da sua partida para a America e Australia, foi objecto de um verdadeiro triumpho. A voz pareceu-me um tanto gasta e nem sempre facil na vocalisação, mas que lindo timbre, apesar de tudo, e que pureza d'estylo!

De Jóska Szigeti, um violinista hungaro de 16 annos, discipulo de Jenó Hubay, só lhe direi que na sua especialidade é um dos melhores artistas que conheço, da nova camada: o allegro moderato do *Concerto* de Tschaikowsky, que lhe cabia no programma, deu-me uma alta ideia da sua refinada technica e da sua rara maestria no phrasear. Peccou talvez, a meu vêr, por pouca quantidade de som, mas, meu Deus, n'uma sala de 8:000 logares, é tão difficil avaliar isso!

O pianista allemão Backhaus, o primeiro vencedor do premio Rubinstein, é um artista

feito: pulso maravilhoso, dicção esplendida e notavel intellectualidade na interpretação. O seu Liszt é assombroso, pelo que pude ouvir.

Desejaria tambem falar-lhe dos outros artistas e especialmente de L. Ronald, um distinctissimo director d'orchestra, mas receio alongar-me até ao infinito e roubar demasido espaço á nossa *Arte Musical*, que não é infinita.

Limitar-me-hei portanto a relatar-lhe duas ou tres audições mais, que sinceramente me interessaram e com que porei fecho (já não é sem tempo!) a este meu modesto diario musical.

Como typos de concerto popular e educativo, são muito curiosos os que a *National Sunday League* promove semanalmente no *Alhambra*. Esta *National Sunday League* é uma sociedade creada em 1855 com o fim de conseguir ao domingo a abertura dos museus e livrarias, promover excursões, leituras instructivas, concertos, tudo o que possa concorrer para a educação e honesto divertimento do povo n'esse dia consagrado. Os concertos dominicaes do *Alhambra* são constituídos por um conjuncto de bandas militares, havendo tambem solistas, principalmente cantores, prato obrigado em quasi todos os concertos inglezes.

No domingo, 8, em que pude assistir a um d'esses concertos, á volta d'uma deliciosa excursão a Brighton, festejava-se o anniversario do rei Eduardo. As bandas reunidas dos *Grenadier Guards*, *Scots Guards*, *Irish Guards* e *Coldstream Guards* romperam o concerto com o *God Save the King*, ouvido respeito-



LANDON RONALD

samente de pé. Tocaram em seguida, entre outras peças ligeiras e intervallando com os solistas cantores, a *Kaisermarsch* de Wagner, as *Scènes Pittoresques* de Massenet, *Peer-Gynt* de Grieg, uma *Ouverture* de Tschaikowsky (decididamente, está aqui em moda o Tschaikowsky), e a symphonia da *Semiramis*; salvo esta ultima obra, cuja execução deixou a desejar sob o ponto de vista da fusão e da certeza, todas as outras peças foram soberbamente tocadas e mere-

ceram bem os longos applausos com que as festejaram.

A proposito d'applausos. Não sei se deva manter a affirmação da minha carta anterior de que os inglezes são nimiamente intelligentes em materia de musica. Estudando-os melhor, parece-me dever chegar á conclusão de que são mais entusiastas do que fins concededores d'arte. Tenho-os visto deixar escapar impassivelmente muita cousa bella, para applaudirem phreneticamente o fim da peça, ainda que este fim ou esta peça sejam uma needade. O artista usa invariavelmente d'este applauso para impingir um *bis*, que ninguem lhe pediu, mas que para elle parece ser um ponto d'honra; sendo o resultado ouvir-se dois concertos de cada vez, um annuciado e outro... impingido. No meio de uma peça e mesmo no meio de uma *Suite* não se applaude; eu proprio que tive a fraqueza de palmejar a *Morte d'Ase*, ia sendo victima, não direi d'uma sedição, mas pelo menos d'um escandalo. Em lhe tocando

porém (musicalmente) a fibra patriotica, o inglez perde as estribeiras. Canções populares e hymnos nacionaes, por muito estropiados que sejam, teem um triumpho garantido; nunca me esquecerá o *succès*, de resto bem illegitimo, com que os meus companheiros de viagem se lembraram de *premiar* certas *Arias Escocesas*, que deploravelmente arranjei a bordo do *Lanfranc*. Se me lembro de lhe impingir o *God save the King* fazia um amigo de cada inglez que lá vinha!

O que não são é nada severos, e eu que venho acostumado, da nossa amada e tão atrazada Lisboa, a vêr carrancas ferozes toda a vez que o artista não consegue attingir o sublime, e que estou portanto habituado a franzir tambem o sobreceño á mais ligeira nfracção dos canones, ia-me pondo de mal

com os bons londrinos, se não intervem uma loura e formosa *miss*, que responde pelo poetico nome de Kathleen Parlow, e diante de cujo talento de violinista me permitto fazer a mais garbosa das minhas reverencias. Não se esqueça d'este nome, por caridade, e verá que d'aqui a alguns annos ha-de tornar a ouvir falar d'elle.

Foi n'um concerto do Richter que ouvi a linda Kathleen, saída parece que ha pouco

do *Royal College*. Pois digo-lhe que se não brinca no *Royal College*.

Ah! que bellas recordações tenho d'essa festa, em que a minha querida arte attingiu cumiadas para mim tão novas! O *Preludio e Morte d'Isolda* e a *Septima Symphonia*, dirigidas pelo Richter, são cousas, meu bom amigo, que se não descrevem; conservam-se no melhor escaninho da alma, como perolas de preço.

Eterniso-me a falar-lhe de concertos e deixo me levar pelo grande entusiasmo d'este luminoso banho d'arte, sem me lembrar da sua paciencia e da de mais algum leitor

que o acaso me depare e que tenha tido a coragem rara de me aturar até aqui.

Ponto pois na palestra, e fique o resto para a outra vez.

Creia-me sempre

Seu affectuoso e grato
amigo e admirador

Londres, 16 de novembro de 1908.

LAMBERTINI.

Post-Scriptum:—Tenho de tornar a tirar aos inglezes a loura Kathleen. Acabo de saber que é uma legitima americana, nascida no Canadá justamente ha 18 annos. Foi discipula de Conrad e Holmes, professores ame-



KATHLEEN PARLOW

ricanos. aperfeiçoando-se mais tarde com Auer em S. Petersburgo, e dando o seu primeiro concerto em Londres (Bechstein-Hall) em março de 1905.

O seu a seu dono.

L.



E' curiosa a estatística seguinte, dada pelo *Popolo Romano* ácerca da modicidade das sommas que aos seus respectivos auctores produziram algumas das obras primas da musica.

Assim, Mozart apesar dos 626 trechos que compoz, toda a vida foi pobre, porque pelo *D. João* recebeu 500 thalers, ou sejam réis 340\$000 da nossa moeda, e pelas *Nupcias de Figaro* 100 ducados, uns 200\$000 réis em dinheiro portuguez.

Schubert teve a miude falta das coisas mais necessarias, e sabe-se que muitos dos seus *lieder* incomparaveis foram em manuscrito cedidos aos editores a troco de meia duzia de insignificantes kreuzers.

Beethoven viveu annos em condições tão precarias que os amigos associaram-se para lhe assegurar uma pensão de 4:000 florins, para ahi 1:500\$000 réis.

Weber recebeu pelo *Freischütz* apenas 80 fredericos d'ouro, uns 300\$000 réis (porque o frederico valia approximadamente 20 francos), tendo ainda de pagar o libretto. Como a opera teve um successo inesperado, a administração do theatro arrecadou 30:000 thalers; e o intendente real imaginou ser generoso enviando a Weber um presente de 100 thalers, que este teve a hombridade de devolver.

Finalmente o proprio Wagner conheceu até a miseria enquanto a sorte lhe não deparou o encontro providencial de Luiz II da Baviera.

Por felicidade, para nem tudo serem sombras no quadro, em compensação Meyerbeer, Mendelssohn e Liszt receberam brilhantes honorarios, e Brahms vendeu mesmo tão caro algumas das suas obras, que pela sua terceira symphonia lhe pagaram 50 mil francos.

Quanto aos modernos que ainda vivem para satisfação de todos nós, elles que di-

gam como lhes pagam, se quizerem confessar-se.

*

Uma amiga da fallecida cantora Paulina Lucca, madame Horowitz Barnay, nas memorias que ácerca da grande artista está publicando na *Neue Freie Presse*, de Vienna, conta, entre outras coisas, como Paulina subitamente perdeu a voz «por suggestão», conforme affirmava.

E madame Horowitz-Barnay, depois de dizer que prometteu falar do facto só depois da morte da sua amiga, esclarece que pedindo-lhe uma vez para cantar, Paulina respondeu:

— Já não canto, perdi a voz de repente, n'um momento — por suggestão, insistiu.

Tinhamos alguns amigos a jantar, e para ser agradavel a meu marido, o barão Walhofen, que embora doente havia muito tempo, se fizera transportar ao salão, cantei-lhe um dos seus trechos favoritos.

Elle soluçava de alegria, e agarrando-me ambas as mãos, acariçou-me os cabellos e balbuciou:

— Agradeço-te, és um anjo, levo commigo a tua voz.

Eu ri, e retorqui-lhe:

— Tu has de sobreviver-me.

Mas elle repetiu:

— Levo commigo a tua voz.

Dois dias depois, o barão fallecia e eu, eu não pude cantar mais.»

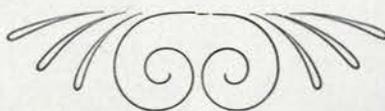
*

Trecho d'uma carta de Bizet apreciando Wagner:

«E' o destino dos grandes genios serem desconhecidos pelos seus contemporaneos. Vagner não é meu amigo e a minha estima por elle é mediocre; mas não posso esquecer o immenso gozo que devo a esse genial innovador. O encanto da sua musica é indizível, inexplicavel. E' a volupia, a ternura, o amor...»

Em arte (musica, pintura, sobretudo escultura) da mesma maneira que nas letras, o que faz o successo não é a *idéa* mas o *talento*. O publico (falo das pessoas inteligentes) só mais tarde comprehende a *idéa*.

BIZET.





Com a *Manon* de Massenet reabriu no dia 15 do corrente o nosso teatro lirico. A primeira impressão agradável foi-nos dada pelo salão de entrada, luxuosa e confortavelmente reformado.

Debutava a companhia de opera francesa, expressamente organizada para uma serie de 16 recitas, tendo madama Marguerite Carré como figura primacial. Estrêla que se eclipsou no fim de tres noites de *Manon*, mas que de si deixou rasto luminoso, como não podia deixar de ser.

Marguerite Carré tem sido durante bastantes anos a diva da Opera comica de Paris. Artista da velha escola, com um bom metodo de canto, que lhe permite aproveitar os recursos vocaes de que ainda dispõe, ouve se com deleite e deu-nos uma deliciosa e interessante *Manon*. O seu trabalho dramatico, em que todas as particularidades são meticolosa e inteligentemente estudadas e salientadas, dão-nos a razão por que tão distincta artista é considerada uma das melhores interpretes da *Manon*.

Para os que se interessam pelas coisas de arte é interessante a comparação do metodo de canto da Carré com o da soprano Maria Boyer e do tenôr Maréchal, que já tivemos ensejo de ouvir em S. Carlos e aos quaes largamente nos referimos nestas cronicas. Aquela, com uma emissão de notas facil, espontanea, natural, sentimento na expressão das frases e uma dicção clara, é digna representante da antiga escola de *bel canto* italiano, que o conservatorio de Paris se não de dignou de adoptar. A Boyer e o Maréchal, com certesa dirigidos por outro mestre, empregam na emissão das notas uns *portamenti* e *esforçandos*, que transformam o canto em uma serie de dorídos queixumes.

O tenor Godart satisfiz a muitos na parte do cavalheiro Des Grieux. Artista que nos pareceu em começo de carreira, a sua voz ou não teve a educação precisa ou é indomavel e rebelde aos magicos efeitos do colorido. E como sem elle não é possível expressar ternos sentimentos de intimas comocões, Godart teve de sossobrar perante a dificuldade de interpretação do sentimentalismo de Werther.

O baritono Viaud e o baixo Lequien são

dois artistas que agradaram e que de muita utilidade podem ser para o bom desempenho de algumas operas.

Parece que rescindiram o contracto alguns dos coristas francêses com que a empresa contava, porque vimos muitas caras que costumam aparecer no elemento coral de opera italiana. E o facto deve ter-se dado á ultima hora; prova-o a manifesta indecisão e uma censuravel desigualdade, motivadas pela falta de ensaios.

Não nos surpreendeu ver a orquestra bastante reduzida; o elenco já d'isso nos tinha prevenido. O que estranhámos foi não ver alguns artistas portugêses de reconhecido merecimento para ocupar alguns dos primeiros lugares, tendo a empresa de recorrer a artistas estrangeiros. E o facto surpreendeu-nos tanto mais quanto sabiamos que da organização da orquestra fôra encarregado um distincto professor, que muito se devia empenhar para reunir em S. Carlos um bom nucleo de artistas portugêses. A ocasião era apropriada para satisfazer as justas reclamações que neste jornal tem sido feitas defendendo direitos postergados e patrocinando a preferencia que os artistas nacionaes devem ter sobre os estrangeiros.

Consta-nos porém que os artistas que tanto censuravam a antiga empresa por lhes não dar ingresso na orquestra de S. Carlos declinaram agora o convite, porque auferem melhores interesses em outras colocações. Antes assim.

Falta-nos o tempo e o espaço para detidamente nos referirmos a alguns artistas principaes que tomaram parte no desempenho do *Werther* e da *Lakmé*. O elenco, tanto de opera francêsa como de opera italiana, teve de ser precipitadamente organizado e numa época impropria, em que os melhores artistas de canto tinham já os seus compromissos tomados. São as consequencias de uma concessão tardia. Queremos acreditar que a nova empresa terá empregado os seus melhores esforços para apresentar bons artistas, mas que os motivos que deixamos apontados a terão impedido de o conseguir. Este primeiro ano será de experiencia para depois poder firmar os seus bons creditos.

27 de novembro.

ESTEVES LISBOA.



O artista só fica collocado no seu verdadeiro plano cem annos depois de morto. E' triste? Não: é apenas estúpido.

BIZET.



ESTRANGEIRO

Em Vienna annunciam-se as seguintes operettas novas: *Filho de Príncipe e Amor de Zingaro*, de Lehar; *Divorciada*, de Leone Full; *Soldado valoroso e Valle da Vida*, de Oscar Strauss, e *Cortejo dos maridos*, de Kap-pener.

Frederico Struensee, a opera inedita do mallogrado maestro Romualdo Marengo, parece que, graças á iniciativa d'um amigo, será representada em Italia.

O theatro Olympia, de Bolonha, que acaba de ser ampliado e notavelmente embelezado, passou a chamar-se *Theatro Verdi*, em homenagem á saudosa memoria do glorioso maestro.

O conhecido maestro Guiseppe Ferrata, sobrinho do celebre cardeal d'este nome, obteve agora um triumpho completo ganhando todos os premios no concurso aberto pela *Art Society* de Pittsburg para um quartetto d'arco, uma composição de piano, uma composição de canto e um solo de violino com acompanhamento de piano.

Já chegou a Philadelphia o monumento a Verdi, offerta da colonia italiana d'aquella cidade. A estatua é obra do esculptor Ettore Ferrari e foi remetida em 8 caixas pesando 7 toneladas.

A bibliographia wagneriana todos os dias se enriquece.

M. Lionel Dauriac o psychologo do curioso trabalho *Espirito Musical* e do *Rossini*, publicou agora um novo livro sobre o colossal musico allemão, a que deu o titulo *O Musico-Poeta*, e que, como as outras obras d'este formoso espirito, merece por mais de um ti-

tulo as attensões dos que se interessam por esta ordem de estudos.

O maestro Engelbert Humperdink deve em principios do proximo anno partir para Nova York, onde dirigirá a primeira representação da sua opera *Les enfants du Roi*, que subirá á scena no Metropolitan Opera House em 1 de março.

No theatro del Giglio, em Lucca, tambem a nova opera *Nora* de Luporini, teve grande exito.

A sociedade J. S. Bach dará este inverno, sob a direcção de M. G. Bret seis grandes concertos onde, além da repetição da *Paixão*, segundo *S. Matheus*, hão de executar-se a primeira parte da musica em *si menor*, a celebre cantata *Wachet auf* e outras obras instrumentaes.

Lê-se n'um jornal que o tenor italiano Giovanni Zenatello já conhecido pelos seus actos generosos, offereceu ao municipio de Verona sua terra natal, a linda somma de 200.000 francos para a construcção d'um Politeama.

Madame Perelli, a linda soprano dramatico que ha pouco realisou um concerto na sala Bechstein, de Londres, diz-se descendente de Napoleão.

Convém esclarecer que nasceu na Corsega.

O Canadá vae brevemente effectuar concertos executados por 200 coristas que para isso partiram de Inglaterra, e são dirigidos pelo dr. Henry Coward.

Entre os numerosos concertos que houve em Londres durante a *season*, será curioso mencionar um que não teve nada de vulgar, realisado na sala Bechstein.

A notavel cantora ingleza Alice Lorraine organisou um programma exclusivamente composto de obras musicas, cujos auctores são: reis, imperadores, e principes de sangue antigos e contemporaneos.

Começou por cantar tres romanzas de Hen-

rique VIII de que Saint-Saëns já se servira na sua opera d'este nome; em seguida fez ouvir uma canção de Carlos I. Veiu depois outra escripta no seculo XIX pelo rei de Saxe, Antonio, para celebrar o nascimento do principe Clemente.

O interesse principal foi, porém, para as duas compostas por Henrique IV e Maria Antonietta, sendo a do primeiro a pathetica *Charmante Gabrielle* e a da segunda um *scherzo* extrahido do *C'est mon ami*, de Florian.

A segunda parte do concerto, reservada aos compositores modernos, foi preenchida com a *Egeria* de Guilherme II, duas romanzas do duque de Saxe Coburgo-Gotha, uma canção infantil, uma elegia dramatica, e uma romanza do Principe Alberto, marido que foi da rainha Victoria, e uma balada de Henrique de Battemberg.

Com pesar lemos que no Congresso Eucharistico effectuado em Londres onde se ouviu musica ingleza antiga de Byrd e Tallis e moderna de Serval, Elgar, Waddington, etc.; musica franceza de Tinel e Gounod; musica flamenga de Lattres; espanhola de Alvares, Calahorra, Vittoria; allemã de Ebner, Mozart, Bach e Brahms, e italiana de Anerio, Soriano e Palestrina, só não se executou musica portugueza!

E n'isto, como no resto, é sabido que nem sequer contamos! Ninguem dá pela nossa existencia!

Triste, triste.

Acabadas as festas da presente época de Beziers, já se annuncia que as representações a realisar em 25 e 27 d'agosto de 1909, serão constituídas com *La Fille du Soleil*, tragedia lyrica de Maurice Magre e musica de André Gailhard, primeiro premio de Roma. Em vista da morte de Jambon, será o seu genro e collaborador, Bailly, o encarregado de futuro dos trabalhos decorativos para o theatro das *Arènes de Beziers*.

O conselho municipal de Clermont Ferrand acaba de votar a criação d'um conservatorio de musica.

O compositor Claussman foi nomeado para dirigir aquelle estabelecimento de ensino.



Chega-nos a noticia triste do fallecimento do notavel musico francez Paulo Taffanel.

Primeiro chefe de orchestra da Opera e dos concertos do Conservatorio, Taffanel era justamente considerado um dos mais distinctos regentes, e por occasião da ultima Exposição Universal de Paris em 1900 dirigiu com applauso geral os grandes concertos nacionais que ali se realisaram.

Fundador, com outros, da *Sociedade de Musica de Camara*, com instrumentos de sopro, Taffanel, que era um flauta eximio, sendo até o primeiro d'elles nas orchestras do Conservatorio e da Opera, conseguiu por algum tempo fazer reviver o gosto por esses instrumentos, e teve mesmo o prazer de executar muitas obras de valor escriptas para aquella sociedade por varios compositores notaveis entre elles Saint-Saëns, Vincent d'Indy, Godard, etc.

Embora tarde, não queremos deixar de registar tambem aqui o desaparecimento de dois queridos e illustres vultos da litteratura brasileira, Arthur Azevedo e Machado de Assis, que tendo ambos escripto para o theatro, e o primeiro especialmente varios librettos para trabalhos musicaes que foram representados com successo, merecem que não lhes esqueçamos os nomes e que sob as suas campas desfolhemos ao menos uma modesta saudade...

Ainda um glorioso nome a deixar consignado n'esta funebre lista de mortos illustres.

Referimo-nos a Victorien Sardou, o grande comediographo cuja obra colossal encheu uma epoca.

Tendo inspirado musicos e maestros e fornecido a estes assumpto para mais de um trecho applaudido, justo é que o seu desaparecimento da scena da vida não passasse despercebido n'esta revista e isto explica as presentes linhas de homenagem á memoria do grande francez.

Já a entrar no prelo chega-nos mais a triste nova da morte da illustre pianista Madame Girard.

No proximo numero nos occuparemos d'esta veneranda senhora, cujo talento e acção decorativa não podem esquecer-se.



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotta. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

LAMBERTINI

Representante e unico depositario

dos celebres pianos de

BECHSTEIN

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

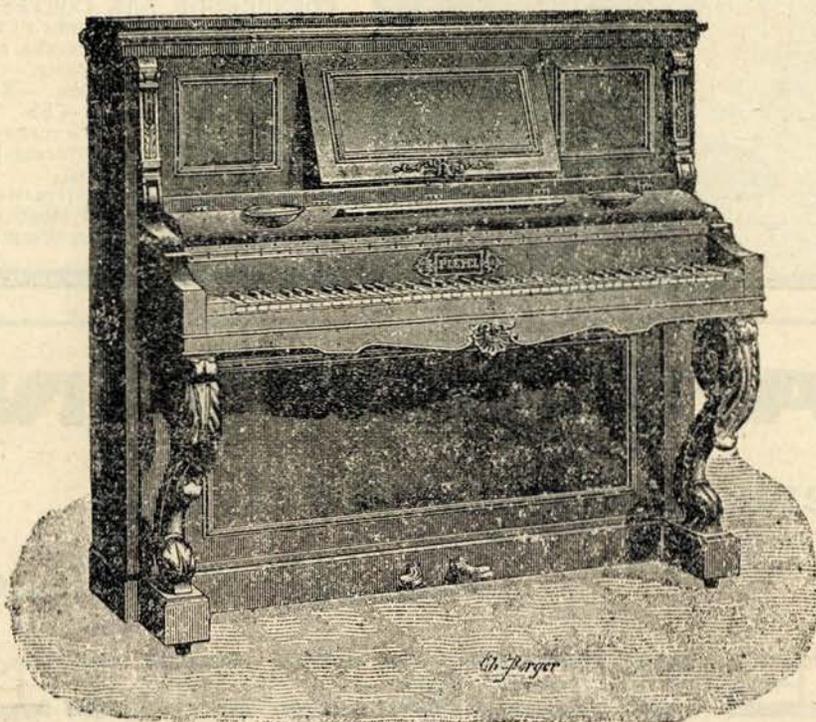
Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900



14 bis BOUL' POISSONNIERE *J. Pille*

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual	5:000
Produção até hoje	116:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury — Hors concours

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Alfredo Napoleão , professor de piano, <i>Rua do Carmo, 60.</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia , profes. ^a de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Rua do Monte Olivete, 2 C., 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião, 9, 2.º</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Joaquim A. Martins Junior , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julieta Hirsch Penha , profes. ^a de canto, <i>Travessa Santa Quiteria, 17, 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA